

## COMPROMISSO FAMILIAR ANOTADO

Nós, Família \_\_\_\_\_, com a graça de Deus e pela intercessão de Nossa Senhora Auxiliadora, Mãe de Caná, queremos ser Igreja Doméstica segundo a proposta das Famílias de Caná, e proclamar solenemente: Eu e a minha família serviremos o Senhor! (Josué 24, 25)

O Senhor seduziu-nos (1) e chamou-nos a ser testemunhas (2) de que a vida familiar é terra sagrada (3), Templo de Deus (4), escola de santidade (5) Para isso, abdicamos de caminhos de santificação individuais (6), de estilos de vida e educação incompatíveis com este compromisso (7), e de delegar a formação religiosa dos filhos (8). Queremos santificar-nos juntos (9), na “vida oculta” (10) da família cristã, celebrando a liturgia doméstica quotidiana (11), pela fidelidade às pequenas coisas (12), a escolha do último lugar (13), a prática das obras de misericórdia (14) e a entrega da vida por amor até ao fim (15).

Assim, comprometemo-nos a fazer do Tempo de Deus e do Tempo de Família (16) os dois tempos principais das nossas vidas, reunindo a família diariamente, no trabalho e no descanso, à volta da mesa e no Canto de Oração. Celebraremos em família o Ano Litúrgico, o Domingo e os Sacramentos. Renovaremos a nossa consagração familiar à Mãe de Caná, meditaremos nas Escrituras e rezaremos o Terço todos os dias em família. Estudaremos regularmente o Catecismo. Procuraremos formação em todas estas áreas (17).

Comprometemo-nos, à imitação da Sagrada Família e segundo a vocação laical, a participar na vida da paróquia e do sítio onde vivemos, dando e recebendo, com humildade e generosidade (18).

Comprometemo-nos a participar, quando possível, nas atividades do Movimento, a fim de construir comunidade com as outras Famílias de Caná, e a dinamizar as Aldeias de Caná, “chamando para as Bodas” todas as famílias que desejarem crescer connosco a partir da proposta do Movimento (19).

Transforma, Senhor, nós Te pedimos, a água dos nossos esforços em vinho novo de santidade! Nossa Senhora Auxiliadora, Mãe de Caná, ensina-nos a fazer tudo o que Jesus nos disser! Ámen.

## ANOTAÇÕES

1 - Jr 20, 7: *“Tu me seduziste, Senhor, e eu deixei-me seduzir!”*

2 - Lc 24, 48: *“Vós sois testemunhas destas coisas.”*

3 - Ex 3, 5: *“Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que pisas é uma terra santa.”*

4 - 1Cor 3, 16: *“Não sabeis que sois templo de Deus?”*

5: A escola é lugar de ensino e aprendizagem. A família como “escola” de santidade pressupõe acreditar que a família é um lugar privilegiado para aprender a ser santo. Quem aprende e quem ensina, nesta escola de santidade? Pais e filhos, os esposos e os irmãos entre si. Neste processo de ensino-aprendizagem da santidade, os professores dos pais são os filhos, os professores dos filhos, são os pais. Aprende-se, observando e imitando, mas também se aprende pela renúncia ao “eu”, pelo exercício das virtudes, pela prática da caridade, pois na família, somos conhecidos, acolhidos e amados com a autenticidade máxima possível nesta vida, não apenas com as nossas virtudes, mas também com os nossos pecados.

6 – Por “caminhos de santificação individuais” entendemos a pertença de um dos membros da família a outro Movimento eclesial com carisma capaz de moldar a sua vida e o seu percurso de fé, com os seus compromissos próprios. Não nos referimos à pertença a associações, confrarias,

ou Movimentos menos vinculativos ou que oferecem experiências pontuais de vida espiritual.

Um fenómeno moderno a que assistimos na religião é a ânsia de satisfação dos anseios espirituais com diferentes Movimentos e em diferentes paróquias, consoante o que se vai buscar: procura-se, nuns lugares, o crescimento doutrinal, noutros, o convívio espiritual, noutros, uma oportunidade de servir, não se comprometendo com nenhum lugar ou Movimento, ou tentando comprometer-se com todos. É um fenómeno que espelha o que acontece na sociedade, onde deixámos de saber viver ao ritmo das estações e de crescer onde fomos plantados, para comprar e consumir tudo o que desejamos e quando o desejamos, saltitando entre superfícies comerciais.

O Movimento Famílias de Caná é para famílias que se sentem realizadas pela sua pertença ao Movimento, com tudo o que ele implica de vivências familiares e de inserção na comunidade paroquial e local, aceitando com simplicidade as falhas que naturalmente irão encontrar, e dando graças pelas bênçãos, sem sentir falta de mais nada. Seguindo o conselho de Jesus a Santa Marta, as Famílias de Caná evitam dispersar-se com muitas coisas, porque se querem centrar no essencial (Lc 10, 41-42).

7 – Há muitos estilos de vida e educação no mundo moderno que não são compatíveis com este compromisso. Por exemplo, um estilo de vida centrado na produtividade, que não privilegie o Tempo de Família e o Tempo de Deus; ou um estilo de educação em que as crianças correm de atividade em atividade, transformando os pais em motoristas dos filhos, e reduzindo o tempo passado em família ao mínimo indispensável; um estilo de educação centrado de tal forma na criança, que não valorize o bem estar da família como uma unidade, nem dê primazia à união do casal, e que muitas vezes se traduz em pais esgotados e crianças caprichosas; um estilo de educação que retira as crianças do mundo e da escola e as fecha em casa ou numa comunidade muito bem selecionada – estilo a que em psicologia já se chama “Rapunzel” –, impedindo o contacto das crianças com o mundo real, contacto que é essencial na vocação laical; um estilo de vida a que vulgarmente chamamos alternativo, e que levado ao extremo, isola a família da sua comunidade local e paroquial, aquela que nos é oferecida em toda a sua variedade, e a encaixa numa comunidade (às vezes virtual) em que todos pensam e vivem da mesma forma, segundo a mesma ideologia; etc.

Uma Família de Caná é uma família muito simples, que evita modas e ideologias, para não se deixar confundir pelas vozes de outros pastores que não o Divino Pastor (Jo 10).

8 – Segundo o dicionário, “delegar” significa “transferir poder, função, competência, a outrem”.

Para uma Família de Caná, a formação religiosa é responsabilidade primeira dos pais, e deve acontecer diariamente, no Canto de Oração Familiar. Os pais são naturalmente ajudados, nesta tarefa, pelas estruturas da Igreja Universal, especialmente pela catequese paroquial. Mas por melhor qualidade religiosa e doutrinal que tenham as soluções externas de catequese, estas serão sempre um complemento à educação religiosa diária, contínua, na família.

As Famílias de Caná querem cumprir aquilo a que chamamos “O mandamento da educação”, dado por Moisés em *Deuterónimo 6, 6-7*: *“Estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração, e as ensinarás aos teus filhos, sentado em casa ou a caminhar, ao deitar e ao levantar.”*

Um exemplo belíssimo e atual desta forma de entender a formação religiosa é-nos dado pela família do Beato Carlo Acutis. Os pais do pequeno Carlo viviam afastados da fé, mas as constantes perguntas de Carlo sobre temas que os ultrapassavam acabaram por levar a mãe de Carlo a se inscrever num curso de Teologia. De facto, um sacerdote de quem ela se abeirava para obter respostas para o filho, disse-lhe que não bastava a ama de Carlo, ou um catequista, ensinar ao menino os temas da fé. Os pais teriam de ser os grandes catequistas do filho. E assim aconteceu.

9 – Queremos santificar-nos juntos. Este é o centro do Carisma do Movimento, como explicado na Carta Fundacional, ao fazer da afirmação de Josué na Aliança de Siquém a sua própria afirmação: *“Eu e a minha família serviremos o Senhor.”* (Josué 24, 25)

Não se trata de afirmar a fé individual de cada membro da família, mas uma fé conjunta, que molda a própria família e faz dela uma unidade inconfundível, com a sua cultura espiritual específica.

Geralmente, a família é vista como o primeiro campo de apostolado, isto é, o primeiro lugar onde o pai, a mãe ou um dos filhos, inserido ou não num Movimento de espiritualidade individual, se esforça por viver o Evangelho. Tal visão da família é válida, e quantos santos há que assim se santificaram, como Santa Mónica ou a Rainha Santa Isabel.

Mas não é este o entendimento que as FC fazem da vida familiar. Para uma FC, a família é o seu “convento”, a sua “escola”, o lugar onde, antes de qualquer outro, os diferentes membros da família aprendem a ser santos, para poder, então, exercer os seus diferentes apostolados fora da família. É uma diferença subtil, mas essencial no entendimento da família como Igreja Doméstica, que tem vindo a crescer e a iluminar, e temos já exemplos desta santidade em conjunto em algumas famílias. Celina Martin, irmã de Santa Teresinha, afirmou no processo de beatificação dos pais que a sua mãe, Santa Zélia, foi a melhor mestra de noviças que alguma vez teve, comparando, implicitamente, o ambiente formativo da sua casa ao ambiente do convento em que veio, depois, a viver. E a Família Ulma, a primeira família na História da Igreja a ser beatificada em conjunto, testemunha que a santidade familiar pode e deve ser uma realidade.

É por isso que no Movimento, os retiros são para toda a família: todos os membros da família deverão regressar a casa no mesmo espírito, dispostos a crescer na santidade em conjunto, a partir do que todos, filhos e pais, receberam. Evita-se assim a sensação de desconforto espiritual que pode surgir quando apenas o pai ou a mãe faz um retiro e, ao regressar a casa, sofre o embate com a realidade da sua família, embate que pode ser mais nefasto do que positivo.

E é por isso também que a Oração Familiar se reveste de um carácter tão importante, ocupando, na família, o lugar que a Liturgia das Horas ocupa nos conventos.

10 – A vida oculta da família: referimo-nos aqui à expressão que é geralmente aceite na Igreja para falar dos trinta anos de vida familiar que Jesus quis viver antes do Batismo de João. Dizemos “oculta”, não apenas porque os Evangelhos guardam um único episódio deste período – Jesus com doze anos no Templo – mas porque a vida doméstica não suscita olhares de admiração no mundo, nem é vista como atraente. Muitos católicos, desiludidos com a pouca visibilidade de que acontece dentro das suas casas, procuram reconhecimento fora da família, seja no trabalho, seja na Igreja. As FC não procuram visibilidade na vida doméstica, antes celebram esta invisibilidade, esta falta de valorização social, como um tesouro enterrado num campo (Mt 13, 44-52). Elas conhecem a felicidade de Maria e José, que viviam num lugar nunca mencionado no Antigo Testamento, nas periferias do mundo judeu, longe dos holofotes de Jerusalém e dos círculos importantes dos rabinos e dos doutores da Lei.

11 – Liturgia Doméstica é a expressão generalizada na pandemia de 2020 para referir a celebração do mistério divino em família. Não usamos este termo, como se usou durante os confinamentos impostos pela pandemia, para nos referirmos à transferência para casa do que é próprio da paróquia, como por exemplo, a celebração da Palavra na impossibilidade de participar na Eucaristia, ou a celebração de uma procissão no jardim. Trata-se antes de uma forma de liturgia que é inerente à vida familiar e não copia a liturgia da Igreja Universal, antes a enriquece. Inclui tempos de oração, mas também abrange toda a vida familiar, da brincadeira, ao estudo, ao trabalho, ao descanso, segundo as palavras de São Paulo: *“Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus.”* (1Cor 10, 31)

12 – Mt 25, 21: *“Muito bem, servo bom e fiel! Porque foste fiel nas pequenas coisas, confiar-te-ei as grandes!”* Não nos santificamos por fazermos grandes coisas, mas por fazermos coisas pequenas com um grande amor, dizia Santa Teresa de Calcutá. A vida familiar está cheia de coisas pequenas que se têm de fazer todos os dias, rotineiramente, e é preciso decidirmo-nos a fazê-las com um grande amor – todos os dias. A rotina, que tanta vez acusam de matar o amor, deve pelo contrário enaltece-lo.

13 - Quanto mais nos humilharmos, mais seremos exaltados, diz o Evangelho, na parábola dos convidados e da escolha dos lugares à mesa (Lc 14, 7-11).

14 - A parábola do Juízo Final em Mateus 25 explica-nos que os gestos mais simples de serviço ao irmão são a base de toda a santidade. A vida familiar é um belíssimo estágio de teologia prática, e um caminho estreito até ao Céu.

15 - Jo 15, 13: *“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos.”*

16 – Tempo de Deus e Tempo de Família é a fórmula encontrada pelo Movimento para incluir as Seis Bilhas de Caná, que vêm descritas em Espiritualidade na Carta Fundacional. Uma Família de Caná esforça-se por viver cada uma das “bilhas de Caná” cada vez mais perfeitamente, sem desanimar quando se vê em estádios menos perfeitos da sua caminhada. Mas estas “bilhas” só fazem sentido enquadradas no carisma do Movimento, isto é, são a sua expressão mais visível. Não são uma “checklist” que vamos cumprindo sem necessariamente vivermos uma espiritualidade familiar.

17 – As Famílias de Caná procuram formação com simplicidade. O Movimento responsabiliza-se por oferecer uma grande formação bíblica, teológica e espiritual, mas há muitas outras fontes de formação, *online* e presencial, através de livros, congressos, etc. O importante é querer crescer continuamente na fé, aprofundando a vivência familiar.

18 – Os leigos são chamados a estar no mundo sem lhe pertencer. Assim o explicou Jesus: *“Não Te peço, Pai, que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno.”* (Jo 17, 15) E o CVII afirmou: *“Sendo próprio do estado dos leigos viver no meio do mundo e das ocupações seculares, eles são chamados por Deus para, cheios de fervor cristão, exercerem como fermento o seu apostolado no meio do mundo.”* (Decreto Apostolicam Actuositatem sobre o apostolado dos leigos).

Assim, as Famílias de Caná inserem-se com naturalidade no mundo em que vivem:

- Inserem-se na paróquia, entendendo por paróquia, o mais possível, aquela a que pertencem geograficamente, segundo o entendimento de São João Paulo II, recuperado pelo Papa Francisco no parágrafo 28 da *Evangelium Gaudium*: *“a paróquia é a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas»*. As Famílias de Caná evitam mudar de paróquia para encontrar uma que lhes agrade mais, procurando antes, quando possível, ser como o fermento, que age dentro da massa para a levedar, segundo as palavras de Jesus (Mt 13, 33).

- Inserem-se no sítio onde vivem, incluindo aqui a sua vizinhança, o local de trabalho, a escola dos filhos, clubes e instituições de lazer, desporto e artes, etc.

Esta imersão na sociedade deve imitar a que caracterizou a Sagrada Família, como tão bem explica o Papa Francisco no parágrafo 182 da AL: *“Nenhuma família pode ser fecunda, se se concebe como demasiado diferente ou «separada». Para evitar este risco, lembremo-nos que a família de Jesus, cheia de graça e sabedoria, não era vista como uma família «estranha», como um lar alheado e distante da gente. Por isso mesmo as pessoas sentiram dificuldade em reconhecer a sabedoria de Jesus e diziam: «De onde é que isto lhe vem? (...) Não é Ele o carpinteiro, o filho de Maria?» (Mc 6, 2.3). «Não é Ele o filho do carpinteiro?» (Mt 13, 55). Isto confirma que era uma família simples, próxima de todos, integrada normalmente na povoação.”*

Assim, as Famílias de Caná sentem-se gratas por tudo quanto recebem da paróquia e da comunidade onde vivem, e aquelas que têm filhos conhecem a verdade do provérbio africano: “Para educar uma criança é precisa uma aldeia inteira.” Por sua vez, dão e servem com generosidade, colocando os seus talentos, tempo e meios ao serviço dos mais necessitados, dos vizinhos, dos amigos e da paróquia.

Esta imersão na comunidade local, portanto, pode significar a pertença a grupos paroquiais e ministérios litúrgicos (catequistas, acólitos, cantores, leitores, ministros da Comunhão...), a frequência de encontros e retiros propostos pela paróquia ou pelas escolas católicas dos filhos, quando for o caso; a participação na vida cívica da sua localidade e da escola, a frequência, para as crianças, de atividades lúdicas e extracurriculares locais, etc. Toda esta vida social e paroquial está, contudo, em segundo plano, depois do Tempo de Família e do Tempo de Deus necessários para que a família se realize como Família de Caná. A partir do momento em que qualquer destas atividades impeça ou dificulte o encontro diário da família na sua liturgia doméstica, deve haver uma reavaliação e, se necessário, a sua cessação. “A equipa da casa” tem prioridade.

19 – As Famílias de Caná vivem a sua vocação, em primeiro lugar, na sua casa e na sua paróquia, pelo que as atividades próprias do Movimento não devem impedir a sua inserção na vida familiar e paroquial. Assim, as atividades do Movimento são propositadamente poucas e procuram não coincidir com as datas em que, de forma geral, as famílias e as paróquias estão mais ocupadas.

A forma mais comum de encontro dentro do Movimento é o retiro familiar, que reúne pais e filhos num tempo forte de oração, catequese e brincadeira durante um dia.

Outra forma é a Aldeia de Caná, que procura reunir as Famílias de Caná de determinada localidade e outras famílias da paróquia ou vizinhança que nela queiram participar.

Pontualmente, as Famílias de Caná são chamadas a organizar ou colaborar em atividades paroquiais, catequéticas, diocesanas, etc.

É igualmente possível as Famílias de Caná organizarem, como serviço à Igreja, encontros e retiros fiéis ao carisma do Movimento abertos a grupos específicos, oferecendo, por exemplo, formação a casais de namorados ou noivos, a pais de crianças da catequese, a pais que se preparam para o Batismo dos filhos, etc. O Movimento acolhe, incentiva e acompanha iniciativas e propostas das diversas Famílias de Caná.